

EPICTETO E O PADRÃO PARA PESAR CRENÇAS

Sergio Hugo Menna, DFL

A origem da filosofia [...reside na] compreensão da necessidade de encontrar um padrão de juízo, comparável à balança que desenhamos para determinar pesos.

Epicteto, *Dissertações*, 2.11.13-15¹⁷⁰

Resumo

A busca de um padrão ou método para avaliar crenças tem uma longa história. Epicteto foi um dos primeiros autores a explicitar claramente a importância dessa busca. Neste trabalho, analiso uma passagem de seu livro *Dissertações*, na qual ele sintetiza seu pensamento sobre o assunto.

Palavras-chave: Epicteto; método; crenças.

Abstract

The search for a rule or method for evaluating beliefs has a long history. Epictetus was one of the first authors to clearly explain the importance of this search. In this paper I analyze a passage from his book *Discourses*, where he synthesizes his thoughts on the subject.

Keywords: Epictetus; method; beliefs.

Considerações iniciais

As crenças, nossas crenças, as crenças diferentes das nossas, as crenças opostas às nossas, o choque de crenças, as crenças estranhas, as crenças herdadas, a crença nas crenças, enfim, todas as crenças e nossa convicção em nossas crenças determinam os emaranhados rumos da história humana. Que outra coisa além de crenças em harmonia pode impulsar as grandes obras coletivas e as sociedades criativas? Que outra coisa senão uma guerra de crenças pode ser postulada como a causa real das grandes guerras reais e até dos pequenos conflitos domésticos? Que mais do que crenças fanáticas e fundamentalistas estão na base do racismo, do nacionalismo, do especismo e de todas as formas de supremacismo (ilusório) e de discriminação cruel que assolam o mundo contemporâneo?

Pessoas fazem carreatas e buzinam na frente de hospitais lotados de doentes para se queixarem de um vírus que dizem que não existe. Crenças. Crenças bizarras, mas, enfim, crenças. Pessoas pedem que os militares garantam sua ‘liberdade’ de morrer e contaminar

170 Epicteto, [c. 135], *Dissertações*, 2.11.13-15. Daqui em diante, a referência (n.n.n) remete, respectivamente, aos números do livro, da parte e da(s) linha(s) extraídas das *Dissertações* de Epicteto, e a referência (M n.n) remete, respectivamente, a ‘Manual’, e aos número do capítulo e da seção do *Manual (Encheirídion)* desse autor. Agradeço ao prof. Aldo Dinucci pelos esclarecimentos sobre os termos técnicos em grego.

seus concidadãos indo trabalhar no pico do coronavírus. Crenças. Crenças que denotam falta de formação cidadã, mas, enfim, crenças. Crenças ruins, crenças falsas, crenças errôneas, crenças às vezes nativas e crenças muitas vezes implantadas e sempre manipuladas para serem operativas nas mentes de seus ingênuos portadores. Mas, em todos os casos, crenças. Crenças, crenças, crenças.

Como bem observaram pensadores como Epicteto, “existe um conflito entre as crenças das pessoas” (2.11.13). Filósofos antigos, metodólogos modernos e psicólogos contemporâneos diagnosticaram que esse conflito poderia ser resolvido (ou, pelo menos, atenuado) se fosse possível encontrar um padrão de juízo que pudesse diferenciar as boas crenças das crenças ruins; ou seja, se existisse um critério ou um conjunto de critérios que permitissem classificar as crenças em função de sua proximidade com a verdade. Uma crença que representasse adequadamente a realidade seria reconhecida como ‘conhecimento’; uma crença que não retratasse com precisão a realidade continuaria sendo considerada uma ‘mera crença’ e catalogada como um erro, uma falsidade, ou, até, como uma ilusão ou um delírio. Imaginemos que S_1 acredita que ‘a Terra é plana’ e que S_2 acredita que ‘a Terra é redonda’. Segundo os pensadores mencionados, se tivéssemos um padrão de juízo que permitisse ponderar, julgar, avaliar essas crenças e, conseqüentemente, determinar qual dessas crenças é melhor do que a outra, o conflito ficaria resolvido. Essa é, por exemplo, a posição de Epicteto: “O padrão, quando encontrado, resgatará da loucura aqueles que usam a sua opinião ou ‘parecer’ como medida de tudo” (2.11.18).

Valorizemos esse projeto ambicioso – e generoso – refletindo novamente sobre sua proposta. Os conflitos humanos têm sua origem nos choques entre crenças opostas, certo? Certo. Um padrão que possibilitasse avaliar crenças rivais permitiria distinguir as crenças em função de sua qualidade, certo? Certo. Então, se conseguíssemos encontrar um padrão racional, todos os conflitos seriam dissolvidos. Certo?

Nem tanto. Ironicamente, filósofos e cientistas resolveram a parte que parecia mais difícil da equação: encontrar um padrão de juízo que pudesse diferenciar as boas crenças das crenças ruins. Mas, infelizmente, a própria história revela que tal padrão não serviu muito para o objetivo de resolver “os conflitos existentes entre as crenças das pessoas”, como Epicteto pretendia (cf. 2.11.13). Basicamente, porque aqueles que sustentam crenças acreditam nas crenças, não nos padrões racionais.

Esse fracasso parcial do projeto de construir padrões racionais para ponderar crenças, entretanto, não deve nos fazer esquecer do seu valor: graças à aplicação sistemática de padrões de juízo como o raciocínio crítico e o método científico, muitas pessoas no mundo

humanizado cuidaram e cuidam de si mesmas e de sua comunidade. Hoje, por exemplo, podemos sustentar, e com excelentes argumentos, que a Terra é redonda, que jejum, preces e cloroquina não curam a Covid-19, e muitos outros itens de conhecimento registrados nos livros didáticos e nas enciclopédias. Portanto, é uma boa ideia dedicar um pouco de nosso tempo a compreender o que é um padrão e por que eles são importantes.

A busca de padrões, critérios ou métodos racionais de avaliação é um projeto constante na história do pensamento, pelo menos no Ocidente. Poderíamos ilustrar esse projeto com o método de Sócrates ou de Aristóteles, ou com algum dos vários métodos da Modernidade, como os de Bacon e de Descartes, ou com os principais da Contemporaneidade, como os de Peirce e de Popper. Decidi fazê-lo a partir de um peculiar autor de nome Epicteto, que insistiu sobre a importância decisiva de elaborar padrões para pesar crenças.

A busca pelo padrão: Epicteto e o aperfeiçoamento da razão

Assim como um peso faz inclinar o braço de uma balança, a evidência faz assentir a nossa mente.

Cícero, [45 a.C.], II.xii.38

Epicteto (55-c.135) foi um pensador grego que viveu em Roma. Escravo durante grande parte de sua vida, dedicou-se à filosofia quando libertado. Lúcio Flávio Arriano, um dos seus estudantes, comparou Epicteto a Sócrates – seguramente por considerar que a obra de seu mestre estava à altura do genial mestre do grande Platão; talvez considerando-se ele mesmo, discípulo do novo Sócrates, como um novo Platão. Arriano não chegou a ser um novo Platão, mas seu nome ficou na história por ter reunido suas anotações das aulas de Epicteto, as quais, por volta do ano 140, publicou com os títulos *Dissertações (Diatribes)* e *Manual (Encheiridion)*.

Uma passagem do Livro II das *Dissertações* fala sobre o conceito em que estou interessado: *o padrão de juízo*, e de sua importância na avaliação de crenças. Por isso, primeiro transcreverei essa passagem e depois a comentarei em detalhe, tentando revelar tudo o que Epicteto pode ter querido nos dizer sobre os padrões. Para facilitar a análise, incorporei números entre colchetes, [n°], distinguindo as unidades temáticas.

“[1] Esta é a origem da filosofia: [2] a tomada de consciência de que existe um conflito entre as crenças dos homens, e [3] a percepção de que é preciso, então, examinar cada crença para ver se é correta, [3.1] mantendo sempre uma atitude de recusa da mera crença. [4] Também, o reconhecimento de que se deve procurar a fonte do conflito entre as crenças. Por último, e

principalmente, [5] a compreensão da necessidade de encontrar um *padrão de juízo*, comparável à balança que desenhamos para determinar pesos, ou à régua que usamos para determinar se as linhas são retas ou tortas. [...].

[6] Que algo pareça certo para uma pessoa, é suficiente para que de fato sua crença seja verdadeira? É possível que crenças contrárias [que parecem certas para pessoas em conflito] sejam ambas corretas? Não, não é possível que todas estejam certas. Portanto, a opinião de uma pessoa não é um critério para determinar a verdade. O fato de algo parecer certo a um indivíduo não faz com que de fato seja certo. Pois mesmo no caso dos pesos e das linhas não nos satisfazemos com a mera aparência; pelo contrário, buscamos um cânone ou padrão para cada caso. [7] Não haverá, então, neste caso [i.e., no caso do conflito entre as crenças], um padrão mais elevado do que a mera opinião? É concebível que aquilo que é mais necessário na vida não possa ser definido e descoberto? Não; em absoluto: o padrão (*κανόνα*) existe.

[8] E por que, então, não o buscamos? E por que depois de descoberto não o utilizamos? [9] O padrão, quando encontrado, resgatará da loucura aqueles que usam a sua opinião ou ‘parecer’ como medida de tudo. [10] Por quê? Porque com o padrão eles poderão, partindo de princípios e conceitos claramente definidos, examinar e julgar todos os casos particulares.

–Que assunto cabe pesquisar?

–O prazer.

–Submetam-no ao padrão, coloquem-no na balança. [...].

[11] É desse modo que se julgam e ponderam os assuntos depois de dispor de padrões. [12] E é nisso que consiste a filosofia: em identificar e estabelecer os padrões; [12.1] fazer uso deles depois de conhecidos é a atividade da pessoa sábia e boa” (*Diss.*, 2.11.13-20; itálico meu).

O texto exprime, em poucas linhas, grande parte dos objetivos da filosofia ocidental. [1] De modo muito significativo, Epicteto identifica a origem do pensamento reflexivo *nas crenças*. [2] Mais especificamente, na constatação da constante *existência de crenças em conflito*; no fato de que há, digamos, uma perpétua *guerra de crenças* entre as pessoas. [3] Por esse motivo, ele entende ser necessário examinar todas e cada uma das crenças para determinar se são de qualidade, porque, é claro, [3.1] uma “mera crença”, uma crença que não esteja vinculada com a realidade é epistemicamente desinteressante e existencial e eticamente perigosa. “Que tempestade maior do que a de [crenças] poderosas que arrancam nossa razão? E o que mais é esta tempestade senão uma [crença]?” (2.18.29). [4] Do caráter perigoso e pernicioso das crenças se segue a necessidade de indagar a fonte do conflito, o que nos leva a investigar *as fontes das crenças*.

Como sabemos, as crenças podem ter fontes muito diversas. Acreditamos – i.e., fixamos crenças em nossa mente – por *muitos* motivos, e por motivos *bem* diferentes. Às vezes, acreditamos conforme nossos sentidos nos informam: se nossa visão nos disse que a pedra à nossa frente é branca, acreditamos que na nossa frente há uma pedra que é dessa cor; em muitos outros casos, acreditamos por autoridade, i.e., naquilo que afirma uma pessoa ou instituição que respeitamos intelectualmente, moralmente etc.: quando crianças, por exemplo, se nossos pais dizem que Deus e Papai Noel existem, cremos cegamente em suas palavras (e

quando dizem que Papai Noel *não* existe, também); além disso, acreditamos por tradição, seguimos os preceitos da nossa família ou da nossa ‘tribo’, achamos normal o que elas acham ‘normal’, só por estarmos familiarizados com *suas* crenças, que por isso tornamos *nossas*.

Aprendemos a acreditar na tradição de acreditar na tradição. Aqui podemos fazer uma pausa para revelar que essa fonte de crença é, também, fonte *de conflito*: do mesmo modo em que achamos ‘normal’ um preceito moral herdado de nossa tradição, acharemos ‘anormal’ (e ‘imoral’) um preceito moral muito diferente de pessoas de outras tradições – elas, por sua vez, seguramente acharão ‘anormal’ algum dos nossos ‘muito normais’ preceitos morais. Conflito. Se não estivéssemos habituados a achar que a tradição acrítica como forma de fixação de crenças é ‘normal’, reconheceríamos que esse procedimento é muito ‘anormal’. “Acredito que Deus e Papai Noel existem”. “Por quê?”. “Porque meu avô contou isso para o meu pai, e meu pai para mim”. Sim; vistos de perto, tradição e autoridade são procedimentos de adoção de crenças realmente estranhos – e potencialmente cruéis. Contudo, até que não ‘examinemos’ nossas vidas – i.e., *enquanto continuarmos sem revisar criticamente nossas crenças e as fontes dessas crenças* –, continuaremos vivendo como escravos (inconscientes) das tradições e autoridades que por (des)ventura adotamos como ‘nossas’.

Apresentar um exemplo de revisão de crenças pode nos ajudar a entender adequadamente a importante ‘escolha de vida’ que está em jogo na tarefa de revisão crítica das nossas crenças¹⁷¹. Há alguns dias li um texto muito lúcido de uma pesquisadora que examinou criticamente uma crença implantada em seu sistema de crenças. “A história da minha educação para o racismo me diz que fui racializada como branca para ser racista”, constata ela. E continua:

“Fui marcada como branca a fim de que esta marcação funcionasse como signo de superioridade. Mas a mim hoje parece fácil perceber que a necessidade de marcação de superioridade só existe para aquele que se sente inferior, que se sabe fora do lugar de superioridade que almeja. [Por isso], há muitos anos tenho trabalhado para desconstruir as camadas de racismo que me foram sobrepostas”¹⁷².

171 “Eu sou eu; eu estou onde está a minha escolha de vida”, disse Epicteto enfatizando a importância do conceito (2.22.20). Com a expressão ‘escolha de vida’ (*prohairesis*), Epicteto pretende qualificar aquelas decisões vitais através das quais expressamos nosso juízo–e, *também*, nossa liberdade e nossa responsabilidade (cf. 1.17.18 e M 1.4, 1.9). A escolha vital *é uma decisão racional e ética (e existencial)*. Deriva da compreensão de uma distinção que veremos mais para frente: a que se segue da discriminação racional entre as coisas que dependem de nós e as coisas que não dependem de nós. Uma vez que internalizamos essa distinção, compreendemos que nós somos os únicos responsáveis das coisas que dependem de nós, e que, portanto, nós e somente nós somos os únicos responsáveis de que um curso de ação regido por uma crença siga, ou não, o seu rumo.

Para o conceito de ‘escolha de vida’, cf. HADOT, 2015.

172 Sobre o autoexame crítico do racismo, cf. RODRIGUES, 2020. Recomendo fortemente o texto. A autora segue as orientações da ‘desconstrução’, e faz uma “crítica à suposição da neutralidade dos discursos”, crítica que lhe permite ver que “quem continua pretendendo se ver como neutro ou neutra é quem, por acreditar que não

Vida examinada, desconstrução, exame crítico de crenças herdadas e implantadas; reflexão sobre si mesmo e sobre o lugar de fala; método socrático, Padrão de Epicteto ou Padrão de Popper; psicanálise e consciência plena; tanto faz. O que importa é que revisemos criticamente nossas crenças e as fontes de nossas crenças, para não continuarmos carregando sentimentos negativos e limitações de todo tipo sem perceber que nós mesmos as impomos.

Permitir que uma crença fixada em nosso sistema cognitivo determine, ou não, sentimentos e ações, é uma ‘escolha fundamental de vida’ que impacta em nossa mente e em nossa liberdade, e que depende de nossa responsabilidade. As crenças estão lá, ancoradas em nossa mente. Poderíamos estar tentados a nos defender dizendo que nós não somos culpados de que estejam lá: *fomos educados* para o racismo e para outras formas de discriminação; em nossa história pessoal *nos foram “sobrepostas”* camadas e mais camadas de categorias artificiais que nos concedem uma fugaz e ilusória superioridade, ao tempo que nos empobrecem existencialmente. E é correto; as camadas sobrepostas de preconceitos com que fomos educados começaram a se acumular em nosso cenário mental em uma etapa em que não tínhamos ‘pleno uso da razão’. Mas, hoje, ‘em perfeito uso de nossas faculdades racionais’, é parte da nossa decisão vital sermos cientes de que as crenças nunca são inofensivas e que, gostemos ou não, nos constituem. As crenças sempre determinam o que fazemos e o que sentimos. “Deixaremos que antigas e silenciosas crenças continuem nos escravizando?” – perguntaria Epicteto.

“Depende de mim”, poderia cada um de nós lhe responder. “Eu decido: é parte da minha decisão vital”; “eu estou onde está a minha escolha de vida”. Depois de tudo, como bem mostra o exemplo que estamos analisando, a escolha vital tem a ver com nossa vida e nossa qualidade de vida, e com a vida e a qualidade de vida daqueles que nos rodeiam:

“Se hoje penso, escrevo, pesquiso e ensino contra o racismo é por não suportar mais o sofrimento de viver num país em que pessoas negras são brutalmente excluídas, violentadas e exterminadas em nome da minha suposta superioridade branca. Esta é a cor da minha pele. Já o meu desejo tem sido destruir o racismo que me impôs uma suposição de superioridade branca na qual não me reconheço” (RODRIGUES, *ibid.*).

Perfeito. Belíssima passagem. “O preconceito é uma crença que não foi julgada”, disse Voltaire; julgada, desconstruída, criticada, a destrutiva crença – “tempestade poderosa que

tem cor, pode continuar oprimindo –seja as pessoas negras, seja as pessoas brancas subalternizadas– por uma suposta neutralidade do saber”.

arranca nossa razão” – é desativada, e o preconceito “se dissolve no ar” – como um fantasma mitológico ferido pelos argumentos.

Essa é a tarefa pendente em várias regiões das nossas redes de crenças: revisar nossas crenças racistas, machistas, sexistas, microfascistas. Não há democracia plena, não há vida harmônica em comunidade – não há possibilidade de grandes obras coletivas– com essas pulsões obscuras vibrando em cada um dos que formam parte dela. Se Epicteto lesse esse texto, com certeza não estaria familiarizado com vários dos conceitos aqui mencionados, mas aposto que concordaria com a ideia central. “Enfrentar tais tempestades depende de nós”, diria ele; “revisar essas crenças é, sim, uma escolha de vida da pessoa sábia e boa”.

Existem, é claro, outras fontes de crenças além das já mencionadas. Tendemos a acreditar, por exemplo, naquilo que desejamos ou naquilo que nos parece reconfortante, e estamos muito pouco interessados, nesses casos, em confrontar a crença adotada ‘conforme nosso desejo’ com outra fonte independente de informação – talvez um padrão – que aponta em direção de uma conclusão diferente daquela apegada ao nosso coração. É exatamente esse o fenômeno que nos últimos anos se denomina ‘pós-verdade’: nossa tendência a acreditar no que nossas emoções nos ditam, e, conseqüentemente, a negligenciar o que os fatos objetivos revelam, apesar de serem estes fatos nosso único contato com a realidade. Assim, acreditamos facilmente em falsidades, *fake news* e bobagens várias, muitas delas muito perigosas, que impactam em nossa vida e em nosso futuro, e às vezes na vida e no futuro dos que nos rodeiam. Como se não bastasse, infelizmente, também convertemos em fonte de nossas crenças opiniões ridículas de gurus delirantes e de influenciadores ignorantes. Não raras vezes, as pessoas acreditam a partir do guia da fé – ou seja, simplesmente por “acreditar na crença” e “ignorar evidências” (as expressões são de Forster, [1938]: 327-8). Em outros casos, afortunadamente, as pessoas decidem em que acreditar seguindo as orientações do raciocínio científico e das evidências disponíveis.

Na pausa anterior mostramos de que modo uma única fonte de crenças – no caso, a tradição– podia ser causa de conflitos; aqui podemos fazer uma pausa final na apresentação das fontes de crenças, exemplificando de que modo também surgem conflitos do choque de duas fontes de crenças *diferentes*, tais como a razão – a confiança em um padrão racional como o raciocínio crítico – e a fé – a crença na crença. Cenário real: pandemia. Algumas pessoas, levadas pela fé, defenderam que ‘jejum e preces curam a Covid-19’, e portanto era necessário fazer jejuns e rezar; outras pessoas, orientadas pelo raciocínio crítico e pelo raciocínio científico, argumentaram que ainda não há cura para a Covid-19, e que o aconselhável até se obter uma vacina é fazer quarentena, manter distanciamento social, usar

máscaras e nunca deixar de lavarmos as mãos com água e sabão – poderosíssima e econômica descoberta científica. Crenças em conflito? Sim; apesar de neste caso a realidade falar muito claro, aqueles que negam a realidade e afundam no absurdo gritam mais forte – e, como vimos, até buzina na frente dos hospitais. Ficou registrado: o governo do Brasil propôs um jejum para “enfrentar” o coronavírus. Em um ato no Palácio da Alvorada, um pastor se ajoelhou e gritou ao mundo sua visão mística: “Quero em nome de Jesus declarar que no Brasil não haverá mais mortes pelo coronavírus!”, disse entusiasmado. Teria sido muito bonito, se não fosse pelo incontestável fato de que sua visão mística precisava no mínimo de um oftalmologista: na mesma noite dessa ‘intuitiva’ visão, as agências de notícias informaram que houve no Brasil várias dezenas de mortos, e o número de decessos aumentou com o passar dos dias, e nas semanas seguintes disparou em várias centenas, e o contador seguiu somando e somando, até superar as mil pessoas por dia! – média que continuou ao longo de vários meses¹⁷³. Lembrando Epicteto, podemos pensar que aquele que não tiver seu *lógos* desenvolvido, e por isso não tiver a capacidade de valorizar a qualidade de um padrão racional, proporá qualquer absurdo, ou – o que é ainda pior – acreditará cegamente em qualquer crueldade que propuserem aqueles que baixam o padrão.

Além da crença ‘jejum e oração curam Covid-19’, foram ouvidas outras variantes arrebatadoras: uma cidade desperdiçou recursos públicos decretando 21 dias de oração e até mesmo um ‘cerco espiritual’ como medidas de combate ao coronavírus, e o fundador da principal rede de igrejas evangélicas de toda a América Latina cunhou esta pérola poética: “Para estar ileso ao coronavírus é preciso ter coronafé!”¹⁷⁴. Nem é preciso dizer que o cerco *não* funcionou e que o autor da famosa frase *não* saiu ileso do coronavírus. Será que *não tinha* coronafé?

Nossos próprios olhos e o raciocínio crítico (especificamente, o raciocínio de refutação – que poderíamos denominar ‘Padrão de Popper’) nos mostram que jejum, cerco espiritual e coronafé não funcionam contra o coronavírus. Então, por que ninguém se importa com esse violento choque contra o senso comum, a lógica e a realidade? Porque, como já indicamos, aqueles que sustentam crenças acreditam nas crenças, não nos padrões racionais. Porque uma

173 O leitor interessado pode constatar essas observações na página da John Hopkins University, uma incrível e útil ferramenta científica.

174 Um pastor ajoelhado no Palácio (no dia 05/04/2020): cf. *Veja* 2682, 15/04/2020. “Prefeito de cidade do MS decreta ‘cerco de orações’ contra Covid-19”, cf. Aidar, Bruna, 2020, *Metrópoles*, 18/05/2020, <metropoles.com/brasil/politica-brasil/prefeito-de-cidade-do-ms-decreta-cerco-de-oracoes-contracovid-19>. “Para estar ileso ao coronavírus é preciso ter coronafé”. Edir Macedo. Cf. <apublica.org/2020/03/megaigrejas-continuam-abertas-e-dizem-que-fe-cura-coronavirus/>. O autor da frase *não* saiu ileso: cf. <congressoemfoco.uol.com.br/saude/edir-macedo-que-chamou-coronavirus-de-tatica-de-satanas-contraiu-covid-19/>.

crença adicional da fé em tempos de peste é que, para aqueles que acreditam contra os ditames da realidade, os casos negativos não contam, porque a realidade não conta. Simples assim.

Preces, jejuns coletivos e cercos espirituais podem servir para afugentar momentaneamente o medo à morte, mas, pelo visto uma e outra vez, nada podem contra um surdo bichinho microscópico que não escuta as vozes do delírio. Rezas e jejuns e gritos não funcionaram na longa e obscura Idade Média, que foi muito longa, muito obscura e teve mortes de todas as classes: torturas, guerras, cruzadas, inquisição e, enfatizo, *pestes de todo tipo*. Não funcionaram. Por que começariam a funcionar vários séculos mais tarde, na nova Idade Média que à força de gritos e ignorância os novos obscurantistas querem nos impor?

Continuemos com a análise da passagem de Epicteto; é mais reconfortante. O interesse principal de Epicteto é [5] que compreendamos que é necessário “*encontrar um padrão de juízo*” para poder avaliar crenças conflitantes sobre um mesmo assunto e, é claro, escolher a melhor. De fato, em várias passagens das *Dissertações* ele insiste na necessidade de achar um padrão ou cânone para julgar crenças (cf. 1.20.7.1-2 e 1.28.32-33).

Quando fala em ‘padrão’, Epicteto está procurando um critério racional, um instrumento crítico; no caso, para poder ponderar crenças. A palavra grega que ele utiliza, *κανόνα*, designa um instrumento de medida. O complemento da frase não deixa lugar a dúvidas. Ele disse que o padrão que procura “é comparável à balança que usamos para determinar pesos”¹⁷⁵. Em uma balança de dois pratos, posso pôr um objeto em cada prato e decidir qual deles tem um peso maior. Essa imagem pode ser estendida como metáfora, e, desse modo, ‘pesar’ *mais* do que pesos – especificamente, *pesar crenças*.

[6] Na sequência, Epicteto incorpora um longo parágrafo comparando o ‘parecer’ que não está apoiado em padrões – o ‘eu acho’, a opinião que emana da crença, a apreciação de quem está ligado à aparência – com o juízo que se fundamenta em um padrão.

Em outras partes de sua obra, Epicteto questiona o “eu acho” ou o “me parece” daqueles que tomam decisões sem um padrão superior que os oriente. Um exemplo claro se encontra nas *Dissertações*, onde um dos seus alunos, que, questionado sobre por que sustenta uma crença indefensável, responde “porque assim me parece”. Epicteto lhe objeta: “você poderia demonstrar o que disse *com um argumento superior ao ‘me parece’?*” (1.20.10). E complementa: “Acaso o louco faz algo diferente daquilo que ‘lhe parece’?” (*ibid.*). “Como chamamos aqueles que acreditam em toda e qualquer aparência? –Loucos” (1.28.32-3).

¹⁷⁵ A razão (*lógos*) inclina a balança (cf. 2.26.7). Epicteto também usa a analogia entre a razão e a balança em 1.17.7-8, 1.28.30, 1.29.15, 2.11 e 3.26.18.

Com essas observações, Epicteto extrai um corolário do que sucede àqueles que abraçam crenças sem tentar estabelecer contato com a verdade: se alienam da realidade, desejam o que não depende deles e tentam fazer o impossível, entram nos becos sem saída do delírio, da alienação... Marco Aurélio, um dos seus mais famosos leitores, concorda com ele: “Perseguir o impossível é próprio de loucos” ([c. 180]: V.17).

Epicteto insiste fortemente em que devemos ter presente que do fato de uma coisa nos parecer de uma maneira não se segue que ela é dessa maneira. Até porque o ‘parecer’ tem sua origem na mente –i.e., na crença vinculada a essa apreciação–, e as coisas sobre as quais emitimos nosso parecer estão na realidade. ‘Parecer certo’ (plano do mental) é radicalmente diferente de ‘ser certo’ (plano do real). Do fato de que é possível que para uma pessoa pareça certa uma afirmação e para outra pareça certa uma afirmação contrária se segue – se os dois concordarem em que seus ‘pareceres’ são emitidos sobre uma realidade independente e externa– que uma das crenças está errada. E do fato de os dois não terem mais do que seus ‘pareceres’ para decidir qual das duas é falsa se segue que inclusive as duas poderiam ser falsas. Isso equivale a afirmar que o mero ‘me parece’ ou o egocêntrico ‘eu acho’ não pode se constituir como um padrão apropriado para determinar a relação da crença com a realidade. Epicteto ilumina essa argumentação com o exemplo da balança: “mesmo no caso dos pesos [...] não nos satisfazemos com a mera aparência; pelo contrário, buscamos um padrão para cada caso”. Para compreender melhor a ideia pensemos no seguinte exemplo: dois quilos de chumbo podem nos parecer mais pesados do que três quilos de pena, mas a balança se inclinará nos mostrando que o volume de penas é mais pesado do que o do chumbo. Nesse caso, a balança é o padrão. [7] Se existe um padrão para essas coisas, pergunta Epicteto, como poderia não existir um padrão para ‘pesar’ crenças? “Esse padrão existe”, afirma muito confiante. E, de um modo ainda mais otimista, supõe que esse padrão apto para ‘pesar’ crenças pode resolver as guerras que se originam dos conflitos entre crenças rivais. Da privilegiada perspectiva histórica de nosso conflitivo século XXI, pensamos que teria sido muito bom para Epicteto ter achado um padrão para pesar essa sua demasiada otimista crença...

[8] Epicteto nos alenta a buscar o padrão e nos incita a que depois de descoberto, o utilizemos. [9] E aqui ele faz um comentário interessante: diz que o padrão “resgatará da loucura aqueles que usam a mera crença como medida de tudo”, ou seja, aqueles que em todo e qualquer assunto decidem com base em aparências, i.e., que adotam crenças acríticas.

[10] Com o padrão, especifica Epicteto, aqueles hoje perdidos em sua delirante bolha de crenças poderão examinar e julgar casos particulares – como, por exemplo, o que é o prazer. E eventualmente, poderão retornar de seu estado de alienação ou delírio.

[11] “Submete o teu tema ou problema ao padrão, coloca-o na balança”, recomenda Epicteto. “É desse modo que se julgam e ponderam os assuntos depois de dispor de padrões”.

Esta passagem, na qual Epicteto instala a imagem da balança como um instrumento de avaliação racional, tem seu precedente na obra de Sócrates, o autor mais admirado e citado por Epicteto. No *Eutífron*, por exemplo, Sócrates incorpora a imagem da balança em relação aos conflitos humanos:

Sócrates: Quais são os assuntos de divergência que causam ódio e ira? Verifiquemos isso do seguinte modo: se nós diferíssemos sobre a quantidade de alguma coisa, essa divergência nos tornaria inimigos e nos deixaria irritados um com o outro, ou nos dedicaríamos a contar e, em seguida, resolver a nossa divergência sobre isso?

Eutífron: Sem dúvida, agiríamos desse modo.

Sócrates: E se divergíssemos sobre o tamanho de duas coisas, usaríamos a medição e cessaríamos a divergência?

Eutífron: Isso é assim.

Sócrates: E se divergíssemos sobre o mais pesado e o mais leve, recorreríamos à pesagem e ficaríamos reconciliados?

Eutífron: Naturalmente.

Sócrates: Qual matéria de divergência nos faria irritados e hostis um com o outro se fôssemos incapazes de chegar a uma decisão? Talvez não tenhas uma resposta pronta, mas examina se esses assuntos são o justo e o injusto, o belo e o feio, o bom e o mau. Não são esses os assuntos de divergência sobre os quais, quando somos incapazes de chegar a uma decisão satisfatória, tu e eu, e outros homens, tornamo-nos hostis uns com os outros sempre que o fazemos?

Eutífron: Certamente, Sócrates; o desacordo é sobre esses assuntos (*Eutífron*, 7b-d).

Essa é a função do padrão no contexto socrático. A novidade que pretende introduzir Epicteto, conjeturamos, é a de que é possível construir padrões de juízo para pesar crenças até sobre esses “assuntos de divergência” mencionados por Sócrates: “o justo e o injusto, o belo e o feio, o bom e o mau”...

[12] Na última frase da passagem, Epicteto retoma o tema do início: a necessidade de encontrar padrões de juízo, e conclui destacando que a função da filosofia é determinar os padrões, e [12.1] que “a atividade da pessoa sábia e boa” é fazer uso desses padrões.

Considerações finais

A busca de um padrão ou de padrões – de um critério ou de critérios, de um método ou de métodos– para avaliar crenças e construir conhecimento, é o objetivo central da filosofia – de todas as áreas da filosofia e, com maior precisão, de todas as áreas do conhecimento. Que outra coisa era a tão desejada pedra filosofal?

Dediquei este texto a destacar a importância que Epicteto concede à busca de padrões; no caso, de padrões para ponderar e comparar crenças. Para Epicteto, como vimos, nossas crenças dependem de nós, e é essencial nos preocuparmos com a sua qualidade. Essa tarefa, hoje, é mais importante – e mais difícil – do que nunca, porque estamos sendo bombardeados por informações falsas, desinformação, teorias da conspiração etc., em um contexto em que a crença na crença parece ter alcançado o nível de biossegurança 4, de risco individual e comunitário elevados.

Referências bibliográficas

- CICERO, Marcus Tullius, [45 a.C.], *On academic scepticism*, Hackett, Indianapolis, 2006.
- DINUCCI, Aldo, 2016, “Cinco diatribes de Epicteto sobre razão e loucura”, *Griot – Revista de Filosofia* 14, 469-90.
- EPICTETO, [c. 135], *Disertaciones por Arriano*, Gredos, Madrid, 1993.
- EPICTETO, [c. 140], *[Manual] O Encheiridion de Epicteto*, Trad. A. Dinucci e A. Julien, EdiUFS, São Cristóvão, 2012.
- EPICTETO, [c. 140e], *Manual*, in Hadot, 2015, 7-48.
- FORSTER, Edward, [1938], “No que acredito”, in (n.t.) *Revista literária em tradução*, 1, 327-35, 2010.
- HADOT, Pierre, 2015, *Manual para la vida feliz*, Errata naturae, Madrid.
- LONG, Anthony, 2002, *Epictetus: a Stoic and Socratic Guide to Life*, Oxford University Press, Oxford.
- MARCO Aurélio, [c. 180], *Meditaciones*, Gredos, Madrid, 1977.
- ORTIZ GARCÍA, Paloma, 1993, “Introducción”, in Epicteto, [c. 135], 9-44.
- RODRIGUES, Carla, 2020, “Neutralidade é um lugar que não existe”, *Le monde diplomatique*, 19/08/2020.
- STONE, Jon, 1996, *Latin for the Illiterati: Exorcizing the Ghosts of a Dead Language*, Routledge, N.Y.